

FRASEOLOGIAS NA CHULA VOCABULÁRIO DO SERTÃO

Joana Angélica Santos Lima (UNEB)

joanalimma@yahoo.com.br

Adriana Jesus da Silva (UNEB)

jesusadriana299@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho propõe realizar uma análise linguística enfatizando a presença das fraseologias na chula regional *Vocabulário do sertão*, retirada do DVD Vocabulário do sertão de autoria da dupla de sambadores Roque Trabuço e Pedrito, os irmãos Trabuço. O objetivo deste estudo é avaliar a linguagem da região de Boa Vista do Tupim através da referida chula buscando descrever, interpretar e analisar as fraseologias presentes na mesma, pautando-se nas orientações de Corpas Pastor (1996). Para seu desenvolvimento, parte-se de uma pesquisa documental fundamentada nos teóricos Bagno (2011), Mascarenhas (2006), Bevilacqua (2004), Krieger e Finato 2004, Cansação (2015), dentre outros. Os resultados apontam que (a) a chula Vocabulário do sertão é desenvolvida de forma simples carregada de expressões regionalistas e estruturadas através de diferentes tipos de fraseologias; (b) as principais unidades fraseológicas presentes nas chulas são as parêmiás distribuídas em 7 enunciados de valor específico e em apenas um provérbio.

Palavras-chave:

Samba chula. Linguagem. Unidades fraseológicas.

ABSTRACT

The present work proposes to perform a linguistic analysis emphasizing the presence of the phraseologies in the regional shula *Sertão Vocabulary*. This vocabulary was taken from songs DVD of written by the sambadores brothers Roque Trabuço e Pedrito. The objective of this study is to evaluate the language of this Brazilian region of Boa Vista do Tupim through this shula vocabulary, to describe, interpret and analyze the phraseologies present in it, based on the guidelines of Corpas Pastor (1996). For its development, it starts from a documentary research based on the theorists Bagno (2011), Mascarenhas (2006), Bevilacqua (2004), Krieger and Finato 2004, Cansação (2015), among others. The results indicate that (a) The chula Vocabulary of the Sertão is developed in a simple way loaded with regionalist expressions and structured through different types of phraseologies; (b) the main phraseological units present in chula are paremiás distributed in 7 statements of specific value and in only one proverb.

Keywords:

Samba chula. Language. Phraseological units.

1. Introdução

Chula é uma dança representada pelo samba de roda, da língua quimbundo de Angola do termo “semba” que significa samba. Configura-se uma forma de dança e canção portuguesa que se disseminou no Brasil de variadas maneiras. Trata-se de um canto de uma estrofe composta por dois até quatro versos, entoado por uma parelha (dupla vocal) quase sempre de homens. Geralmente, a chula tende a transmitir uma mensagem clara ou simbólica, “como metáfora ou poesia livre, cujo significado, em alguns casos, se perdeu no tempo ou só se faz compreender entre os mais velhos” (DÖRING, 2010 *apud* GRAEFF, 2015).

Esta manifestação cultural possui forte influência dos povos africanos, que também deixaram seus hábitos, seus costumes, suas ideologias e suas religiões como: o candomblé, orixás e o espírito africano e outros. As chulas samba fazem parte atualmente da cultura afro brasileira, pois representa os negros, mestiços, e fazem referências não só aos negros mais também ao samba, a capoeira, os poetas etc.

Normalmente, a chula tende a apresentar uma linguagem simples torneada de variedades linguísticas diversas traduzindo uma cultura de um povo. Neste estudo, pretende-se analisar a linguagem da chula Vocabulário do Sertão – a primeira das chulas compõem o CD, “Vocabulário do Sertão” de autoria da dupla de sambadores Roque Trabuco e Pedrito Trabuco, os irmãos Trabuco, naturais do município de Boa Vista do Tupim-Ba – intencionando descrever, interpretar e analisar as fraseologias, ou seja, as unidades fraseológicas presentes na mesma, pautando-se nas orientações de Corpas Pastor (1996).

2. Fraseologia

De origem grega (*phrasis + logos*), a Fraseologia é a parte da gramática, em que se ocupa em estudar a construção da frase. As primeiras abordagens sobre a mesma teriam sido mencionadas por Ferdinand Saussure em seu livro *Cours de linguistique générale*, publicado em 1916, referindo-se às combinações fixas de palavras como elementos pertencentes ao sistema lingüístico.

Contudo, o termo fraseologia teria surgido a partir das discussões de seu discípulo Charles Bally, reconhecido como precursor da fraseologia. Ancorados no posicionamento de Bally, descrito em seus trabalhos de estilística: *Stylisque Précis* (1905) e *Traité de stilique*, os estudos nes-

ta área foram se ampliando na Europa, sendo, na década de 30, estabelecida como ciência na União Soviética. Enquanto ciência, as primeiras definições da fraseologia são evidenciadas com Polianov (1931), para quem este fenômeno constitui “uma disciplina especial da área da linguagem que ocupa em relação ao léxico a mesma posição que a sintaxe”. (POLIANOV, 1931 *apud* ORTIZ ALVAREZ, 2000, p. 70).

Porém, vale salientar que só na década de 40 a fraseologia é reconhecida como uma disciplina autônoma graças ao linguísta russo Vinogradov, o qual teria sido pioneiro na classificação das unidades fraseológicas na perspectiva funcional.

As unidades fraseológicas ou fraseologismos constituem o objeto de estudo da Fraseologia. Estas unidades são também denominadas de fraseologias, assim como se ver em Belviláquia (2006). Segundo a autora, embora as fraseologias designem realidades muito antigas, ainda hoje são definidas de forma muito imprecisa.

Corpas Pastor (1996) especifica o objeto de estudo da Fraseologia como unidades fraseológicas, as quais as define como “unidades léxicas, formadas por mais de duas palavras gráficas em seu limite inferior, cujo limite superior se situa no nível da oração composta. Assim, a autora propõe que numa investigação desta natureza é possível observar (i) os enunciados fraseológicos, fixos na fala, divididos em paremias e fórmulas rotineiras, e (ii) as unidades fraseológicas que constituem enunciados completos, entre as quais distingue as colocações, fixas na norma e as locuções, fixas no sistema da língua.

Vale ressaltar que a autora destaca cinco características essenciais para a determinação de uma unidade fraseológica. Dentre elas: a) ser formada por várias palavras; b) estar institucionalizada, ou seja, convencional devido ao uso frequente; c) possuir estabilidade, visto que seus componentes mantêm certa ordem; d) apresentar algumas particularidades semânticas ou sintáticas; e) ser passível de modificações nos elementos que as integram. Esses critérios de avaliação – também adotados por muitos pesquisadores da área, a saber Lima (2012, 2015), Cansação (2015), Telles; Barreiros (2015), entre outros – são importantes porque permitem discriminar e apontar com maior clareza as unidades. Esses critérios de avaliação são importantes porque permitem discriminar e apontar com maior clareza as unidades.

Kriegere; Finatto (2004) explicam que as unidades fraseológicas integram as comunicações humanas tanto no plano das interlocuções, en-

volvendo as temáticas gerais da língua, quanto no das temáticas especializadas. Assim, esclarecem as autoras, que no contexto comunicativo podem ocorrer fraseologias da língua geral e fraseologias especializadas. Estas referem-se às formas de expressões recorrentes nas comunicações especializadas e integram-se ao quadro de objetos da Terminologia. Portanto, expressões como, **degradação da natureza, devastação ambiental**, são inerentes ao campo especializado do Direito Ambiental. Aquelas, ou seja, as fraseologias da língua comum, referem-se às estruturas recorrentes nas comunicações humanas em geral, integrando-se na Lexicologia. Assim, são representadas pelas mais variadas combinações estruturais da língua, como por exemplo: **cabeça na lua, variando das ideias** etc. Ressalta-se que neste estudo, limita-se a analisar apenas as fraseologias da língua comum, as quais serão abordadas na seção seguinte.

2.1. Fraseologias da língua comum

A fraseologia da língua comum já se constituía tema para discussão entre linguistas desde a antiguidade. Belviláquia argumenta que a fraseologia da língua comum abarca o estudo de unidades diversas, tais como: provérbios, ditados, expressões idiomáticas, colocações e locuções. Argumenta ainda que os “fatores que permitem sua união sob o hiperônimo fraseologia são de caráter semântico, isto é, sua significação, estabelecida a partir do conjunto dos elementos que as formam, e o seu elevado grau de lexicalização” (BELVILÁQUIA, 2004, p. 79).

Segundo Lima (2015), este tipo de fraseologia é tratado de diferentes formas, dentre elas: locução, enunciado fraseológico, expressão fixa, (ZULUAGA, 1975); fraseologismo, expressão fraseológica (CARNEADO MORÉ; TRISTÁ PÉREZ, 1985); sintagma fixo, expressão idiomática, unidade complexa (FIALA, 1987); expressão idiomática (TAGNIN, 1989); expressão idiomática, expressão congelada ou cristalizada (GROSS, 1996); unidade fraseológica (CORPAS PASTOR, 1996) etc.

Corpas Pastor (1996) apresenta a classificação da fraseologia da língua comum subdividida em três esferas: colocações, locuções e unidades fraseológicas. As colocações constituem sintagmas completamente livres gerados a partir de regras, contudo apresentam grau de restrição combinatória determinada pelo uso. Esses sintagmas podem ser assim formados. As locuções, por sua vez, são combinações de duas ou mais palavras funcionando apenas como elemento oracional. Apresentam tra-

ços de fixação interna, unidade de significado e não constituem enunciados completos. Não se configuram as unidades completas, mas elementos oracionais. Para a autora, as locuções se diferenciam das colocações, fundamentalmente, por sua institucionalização, sua estabilidade sintático-semântica e sua função denominativa.

Já as unidades fraseológicas referem-se a unidades completas constituídas de atos de fala; apresentam fixação interna e externa (unidades de comunicação). Essas unidades subdividem-se em parêmsias e formas rotineiras:

a – Parêmsias (I- unidades de valor específico: **As paredes têm ouvido**. II- citações: **Atire a primeira pedra**. II- provérbios: **Peixe morre pela boca**.).

b – Fórmulas rotineiras (I- Formas discursivas: **Até logo!** II- Formas psicossociais: **Deus lhe pague**.).

Corpas Pastor (1996) esclarece que as parêmsias possuem significado referencial (fixação referencial) e tem autonomia textual, ao passo que as fórmulas de rotineiras apresentam significados do tipo social, expressivo ou discursivo, sendo determinadas por situações e circunstâncias concretas.

Como se pode notar, estas esferas são fixadas na norma (colocações), no sistema (locuções) e na língua unidades fraseológicas. Conforme a autora, essa classificação abrange todas as manifestações discursivas de uma língua como também de seus usuários, haja vista que contempla os aspectos morfossintáticos, semânticos e pragmáticos da língua. (LIMA, 2015, p. 12).

Como dito anteriormente, esta pesquisa limita-se a analisar a presença das unidades fraseológicas na letra de uma chula baiana sob orientação de Copras Pastor (1996).

3. Unidades fraseológicas na chula Vocabulário do sertão

A chula Vocabulário do sertão é uma composição, onde os autores, fazendo jus a seu nome, fazem uma descrição do vocabulário sertanejo supostamente peculiar a sua terra natal, Boa Vista do Tupim (Cf. em anexo). Os autores utilizam um conjunto de variedades expressando regionalismos, ou seja, expressões típicas de uma região, variedades regionais. Geralmente, estas características linguísticas observadas na referida

chula são muito comuns neste tipo de composição. Além destas variedades linguísticas apreciadas, percebeu-se que a chula analisada foi constituída de diferentes fraseologias, a saber colocação, locução e unidades fraseológicas, dentre as quais apenas estas últimas, ou seja, as unidades fraseológicas serão tratadas, a seguir.

Nesta análise, foram selecionadas as fraseologias da língua comum, aqui denominadas e classificadas à luz de Corpas Pastor (1996). Para esta análise constituiu-se um *corpus* através de oito fraseologias extraídas da chula selecionada. Durante a constituição do *corpus*, foi possível perceber que além destas unidades, foram encontradas nas referidas chulas, outros tipos de fraseologias, ou seja, colocações (pá do cavalo, pé duro, o) e locuções (ternatonte /desde ontem, depois que, pra trás), as quais serão tratadas em outro momento oportuno, visto que não se constituem foco de interesse desta pesquisa em decorrência da sua brevidade.

Observou-se que nesta composição artística há variadas esferas (tipos) de fraseologias, dentre as quais foram destacadas para análise apenas às que se constituem através de frases feitas ou lexicalizadas, consagradas como unidades fraseológicas. Percebeu-se nesta investigação que as paremias foram o único tipo de unidades fraseológicas encontradas na referida chula.

As paremias são expressões caracterizadas pela representação de ideias e/ou pensamentos sob forma figurada; alegoria curta. No sentido de Silva (2006), estas unidades de comunicação se diferenciam das demais unidades pelo seu valor de verdade geral e seu caráter folclórico, etnológico, antropológico e anônimo. Possuem significado referencial e gozam de autonomia textual. Estas expressões se manifestam em forma de unidades de valor específico, citações e refrões (provérbios). Na chula analisada, as unidades fraseológicas foram estruturadas através de enunciados de valor específico e provérbios, não se verificando nenhum caso de citações.

Considerando, as unidades de valor específico, observou-se que na chula “Vocabulário do sertão”, os autores utilizam sete enunciados de valor específico. As unidades de valor específicos referem-se às unidades fraseológicas de estrutura oracional com caráter de enunciado. Nestes casos, o núcleo verbal destes enunciados pode ser conjugado de acordo com o tempo, a pessoa e o modo acionados.

No enunciado “**Vim aqui pra dá uma dimão**”, a expressão destacada se refere à ajuda, podendo o verbo ser flexionado ou não de acor-

do com seu respectivo sujeito. Este enunciado é muito comum na linguagem do sertão baiano, podendo co-ocorrer com expressões do tipo “dar uma mão, dar uma mãozinha, dar um digitório. Isto é possível porque como corrobora Corpas Pastor (1996), os elementos integrantes das unidades lexicais complexas são passíveis de modificações “derivadas de demandas diversas, culturais, regionais etc”. Ver-se claramente que o termo *dimão* é uma variante de “uma mão”. Trata-se, pois de uma manifestação de regionalismo na língua tupiense muito comum na região em questão. O regionalismo significa o emprego de palavras ou expressões peculiares a determinadas regiões, em outras palavras, refere-se a particularidades linguísticas de determinada região.

Nos enunciados “Se você morasse aqui, **ia se acabar de sírrir com Cipriano**” e “O teu fio quase **me matou de sírrir**”, os autores utilizam verbos diferentes para sinalizarem o mesmo contexto em tempos verbais diferentes (matou e ia se acabar). Assim, nestas unidades, eles fazem, igualmente, referência à ideia de rir muito ou rir exageradamente. Observa-se que ainda é possível encontrar variações para estas unidades, pois estes verbos podem co-ocorrer com outros que possuam valor semântico a estes semelhantes, tais como estrebuchar, estatalar-se, chorar: se estrebuchar de rir, se estatalar rir, chorar de rir etc. Verifica-se assim, a presença de uma variação diafásica entre os referidos enunciados, os quais foram produzidos pelos mesmos falantes, ou seja, os compositores da respectiva chula. Este tipo de variação, ocorre em função da situação, ou seja, do contexto comunicativo em que acontece o evento discursivo. Em outras palavras, ocorre quando a mesma pessoa altera sua maneira de falar dependendo do contexto situacional em que se encontra.

É interessante destacar a ocorrência da palavra **sírrir** variando com **sorrir** nestas duas unidades. Este fato sugere um caso de variação lexical, portanto, julga-se interessante investigar se este tipo de ocorrência é recorrente no dialeto de Boa Vista do Tupmi, nas zonas rural e urbana ou quem sabe em apenas uma destas.

Já o enunciado “**Não falo de ninguém por trás**, está associado ao respeito à ausência da pessoa de quem se fala, ou seja, só se deve falar algo de alguém na sua própria presença etc. Graças à possibilidade de flexão verbal, é comum encontrar na língua comum a variação deste enunciado em diferentes cidades baianas: **Não se fala de ninguém por trás**.

Estas unidades fraseológicas remetem também a ideia de falsida-

de, ou seja, ser falso com alguém. Ideias estas que parecem ser retomadas pelos compositores ao pronunciarem os seguintes enunciados: **tem que sustentar na tampa, se for macho; não carrego melancia com tampa**. Com o primeiro enunciado, significa dizer sustentar o que diz, não mentir, falar a verdade, e, automaticamente não agir com falsidade. Com o segundo, por sua vez, significa dizer também falar a verdade, não mentir, não falar mentiras, ou mesmo não mascarar ou ocultar os fatos. O valor de falsidade ou inverdade expresso nestas unidades fraseológicas pode ser confirmado ao se observar o contexto: Fale tudo que você quiser aqui; só não pode mentir; tem que sustentar na tampa, se for macho; não carrego melancia com tampa; não falo de ninguém por trás.

Considera-se aqui, portanto, que, situadas no referido contexto, as unidades **tem que sustentar na tampa, se for macho e não carrego melancia com tampa**, podem ser também caracterizadas como variantes da oração “só não pode mentir”. Tratam-se pois de um caso de variação sintática na língua, visto que se configuram construções sintáticas diferentes com valor semântico semelhante.

Vale acrescentar que o enunciado **só não pode mentir** é aqui considerado também como unidade fraseológica, haja vista que se trata de um enunciado cristalizado na língua, embora utilizado com valor significativo real: não mentir, proibido mentir. Esta unidade é muito comum na língua comum, sendo pronunciada em muitos e variados contextos comunicativos cotidianos. Diferente das demais unidades fraseológicas analisadas acima, as quais foram estruturadas a partir de um sentido conotativo, esta unidade possui sentido denotativo, pois nenhum dos elementos que a compõem foi utilizado com significado figurado. A variação do tipo de significado destes enunciados corroboram a afirmação de Corpas Pastor (1996), dentre outros estudiosos que defendem que as unidades fraseológicas podem ter sentido denotativo ou conotativo.

Como dito anteriormente, além das unidades de valor específico, a referida chula também contou com a presença de provérbios. Segundo Corpas Pastor (1996), estes são a paremia por excelência, e apresentam como principais características: lexicalização, autonomia sintática e textual, valor de verdade geral e caráter anônimo.

Quanto ao provérbio, verificou-se que na chula analisada, os autores só utilizaram um provérbio, a saber: não pense que **beço de jegue é arroz doce**. Como se pode notar a unidade “**beço de jegue é arroz doce**” é um enunciado muito produtivo na língua, sendo utilizado em contextos

comunicativos para expressar a dificuldade de uma dada situação. Com esta unidade significa dizer que a situação não é fácil ou não é simples. Como todo provérbio, possui um significado conotativo e por ter um alto grau de cristalização na língua, apresenta um valor semântico fechado, não permitindo, assim, a inserção ou exclusão de algum dos seus elementos constitutivos. Vale dizer que o provérbio apresenta um significado completo, portanto, a substituição de um qualquer um dos seus elementos invalidaria o real significado desta unidade. Assim sendo, enunciados como “**berço de cavalo é arroz doce**” ou “**berço de cachorro é arroz doce**” possivelmente não seriam aceitos com a mesma validade da versão real e original do referido provérbio. Isto ocorre porque pela sua alta frequência de uso, os provérbios se fixam e se institucionalizam na língua.

Percebeu-se com esta investigação que a classificação das unidades fraseológicas não é muito simples e varia muito de acordo com cada pesquisador e com os diferentes métodos investigativos. Muitas vezes suas definições e classificações não contemplam todos os casos de fraseologias contidos num evento comunicativo, seja ele escrito ou oral. A escolha de Corpas Pastor (1906) para a fundamentação desta análise deu-se justamente por entender que sua proposta de investigação destas unidades é mais precisa e coerente dentre os demais métodos de estudo desta área.

4. Considerações finais

Nesta pesquisa analisou-se a chula Vocabulário do sertão, de autoria dos compositores Roque e Pedrito Trabuco com o objetivo analisar os aspectos linguísticos presentes na mesma, contudo centrando-se numa investigação fraseológica.

A priori, observou-se com esta análise que nesta composição artística foi utilizada uma linguagem simples, coloquial torneada, principalmente, de variedades diatópicas, (**Ambrozo** por **Ambrozio**; **fi/ filho**, **rapar/raspar**; **imboca**; **avia**; **ternatonte** ; **os pé pro ar**, **ia se acabar de sírrir**; **deiz cangaia de mandioca** etc.

Quanto ao olhar lexicológico a que se pretendeu desenvolver neste estudo, sob orientação de Corpas Pastor (1996), constatou-se que as paremias foram o único tipo de unidades fraseológicas encontrado na referida chula, estruturadas apenas através de sete enunciados de valor específico (a exemplo de **Não carregue melancia na tampa. Não falo de**

ninguém por trás etc.) e um provérbio (**não pense que berço de jegue é arroz doce**) não se verificando, portanto, nenhum caso de citações.

Verificou-se com esta análise que além de se poder analisar os fenômenos aqui analisados, muitos outros fenômenos poderão ser investigados nesta chula nas diferentes áreas das ciências linguísticas. Espera-se com esta análise contribuir para a ampliação da descrição do português brasileiro, assim como abrir espaço para outras pesquisas linguísticas no ramo da lexicologia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARREIROS L. L. S.; TELLES, C. M. As unidades fraseológicas no vocabulário de Eulálio Motta. In: *ReVEL*, V. 15, n. 29, 2017. [www.revel.inf.br]

BELVILACQUA. Cleci Regina. Fraseologia: perspectiva da língua comum e da língua especializada. In: *Revista Língua e Literatura*. Universidade Regional de Integrada do Alta do Uruguai e das Missões. Uruguai: 2004.

CANSANÇÃO, Juliana; MARQUES, Elizabete A. As locuções: uma breve discussão sobre o seu lugar na Fraseologia Idioms: a brief discussion about its place on Phraseology. In: *DOMÍNIOS DE LINGU@GEM*, V. 9, n. 5 (dez. 2015).

LIMA, Joana Angélica S. As unidades fraseológicas em Salvador. In: *Revista Philologus*. Ano 21, n. 63. Anais da X Jornada Nacional de Linguística e Filologia da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2015. p. 636-48

KRIEGER, M. das Graças; FINATTO, M. José B. *Introdução à fraseologia: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2004.

MASCARENHAS, João Gilberto Paim; Apresentação do Cotidiano no samba do recôncavo baiano: as letras da chula e o grupo de samba chula de São Brás. In: MASCARENHAS, João Gilberto Paim. Salvador, 2014. 136 f.: il. 2004.

PEDRO, Magali de Lourdes. *As expressões idiomáticas no ensino de português como língua estrangeira para estudantes uruguayos*. Dissertação. Universidade de Brasília. Brasília: 2006. SAUSSURE, Ferdinand. Curso de linguística geral. 30. ed. São Paulo: Cultrix, 2001. 312.

SILVA, Moisés B. Uma palavra só não basta: um estudo teórico sobre as unidades fraseológicas. In: *Revista de Letras*. V. 1/2, n. 28, jan/dez. 2015.

ANEXO

Ouçã o vocabulário do sertão,
quando a sertanejada se junta pra prosear,
vim aqui pra dá uma dimãõ;
Tenho dez cangaia de mandioca pá rapar,
o teu fio quase me matou sírrir,
tava cortando tubí,com a cabeça no chão os pé pro ar,
Ternatonte passei lá,
seu Ambrozo mandou eu botar baixo,
Já pegou meu cavalo,
foi marrar, imboca avia,
vai desamarrando o facho.
Fale tudo que você quiser aqui,
só não pode mentir,
tem que sustentar na tampa,se for macho,
não carrego melancia com tampa,
não falo de ninguém por trás,
Se cavou o seu tanque, faça rampa,
não impreste a mulher e nem arma de fogo rapaz,
não pense que beço de jegue é arroz doce,
Levou quem trouxe,
pra diante tá mais cumprido, que pra trás,
quebrado se você morasse aqui, ia se acabar de sírrir com
Cipriano do Jaci;
É...outro velho daquele não vem mais.
Se você morasse aqui, ia se acabar de sírrir com Cipriano
do Jaci.
É outro velho daquele não vem mais.